



◉ FILHO
DA SERPENTE
ALADA ◉ OS CAMINHOS
DE UM INICIADO ◉

 cone
editora

MERVYN
EAGLE

MERVYN EAGLE

O Filho da Serpente Alada Os Caminhos de um Iniciado

Tradução
Antônio Trânsito

Cone Editora
1999

Esclarecimentos

A autora afirma que a civilização chamada Tolteca foi apenas uma remanescência degenerada da verdadeira cultura Tolteca, que alcançou seu apogeu há muitas centenas de milhares de anos. O mesmo é verdadeiro com os maias, incas e astecas, todos eles com raízes na civilização Atlante, que atingiu a glória e a subsequente destruição há mais de 400 mil anos. A civilização atlante era muito similar à nossa, surpreendentemente, e as causas que levaram à

sua queda estão hoje tão ativas em nossa civilização moderna quanto estiveram naquele remoto passado primordial.

Por trás de grandes construções, igrejas, quartéis e imensas indústrias da maior parte das cidades modernas distinguem-se nítidos os pensamentos-formas de outras construções há muito transformadas em pó, que ali estiveram uma vez e ali estão de novo, tendo-se projetado, às vezes no mesmo lugar, induzindo seus construtores a reconstruí-las de acordo com padrões há muito esquecidos, se bem que ainda claramente perceptíveis no mundo invisível.

O mesmo acontece com pessoas, governos, raças, movimentos coletivos, grupos, revoluções e guerras. Há, por assim dizer, uma espécie de "reencarnação" ou reincorporação de eventos, assim como de pessoas e coisas, uma por vezes causando a outra.

Todos os atos, uma vez executados, todos os pensamentos uma vez pensados compelem-nos a repeti-los, estabelecendo um hábito.

Os primeiros pensamentos-formas por nós criados na Atlântida tinham um poder muito maior que qualquer coisa chamada à existência desde então pela mente humana; esses pensamentos-formas adiantam-se a cada vez que desejamos fazer algo diferente, original, algo não atado ao passado ou ao futuro, a ações ou sensações passadas ou futuras, por mais gloriosas que sejam.

Nosso pensamento, nossa cultura, nossa educação, sentimentos, hábitos, nosso modo de governar, nossos divertimentos estão se tornando

mais e mais coletivos, massificados e controlados... e é justo nesse aspecto que a nociva influência de nosso passado atlante mais se faz sentir, compelindo-nos a seguir certos caminhos predeterminados.

Essa influência trabalha em especial a partir e sobre o subconsciente — o nosso próprio, o de nossos líderes, religiosos e governantes —, sendo percebida de forma clara na criação de movimentos de massas, em todas as coisas feitas e construídas coletivamente — tudo pelo assim chamado bem coletivo, pois o que foi criado em Aztlan assim o foi, mal existindo então a linha divisória entre o individual e o coletivo, ainda menos que agora.

O subconsciente é o passado esquecido, ignorado, e quanto mais fundo o sondamos, tanto mais perto chegamos de pensamentos-formas e hábitos extremamente antigos e incrivelmente poderosos. Os líderes, cientistas, idealistas, políticos e ditadores da época atual acabam invariavelmente por se encontrar face a face com essas formas e quase sempre saúdam esses fantasmas do passado como guias e seres inspiracionais, mensageiros divinos, deuses, mestres ou coisas semelhantes, ao invés de conhecê-los pelo que são na verdade e assim libertar-se de sua influência.

Se já não é muito fácil nos elevarmos acima, ou melhor, reabsorvermos as limitações (pensamentos-formas) por nós criadas durante nossa vida presente, uma época que ainda podemos lembrar e investigar, imagine-se como deve ser muito mais difícil fazer o mesmo com

impulsos e hábitos que têm suas raízes num passado remoto, a ponto de estarmos inteiramente inconscientes das mesmas.

O subconsciente é como um filme de nosso passado, do passado de toda a humanidade desde o momento de sua aparição nesta Terra. E através da "liberação" desse filme, deixando-o assomar à superfície de nosso ser e dando-nos conta de sua tremenda significação seremos capazes, finalmente, de morrer a todos os nossos hábitos e memórias antigos.

O que chamamos História é apenas uma imagem fiel da manifestação do subconsciente coletivo, repetindo incessantemente tudo o que já foi pensado, sentido e feito antes, impedindo-nos de criar o novo.

Prólogo

Estivera seco por muito tempo — um tempo longo demais —, por muitos meses cansativos. A poeira vermelha havia coberto indistintamente amigos e inimigos, sufocando as gargantas dos combatentes, tingindo rostos suados, irritando olhos cansados, cobrindo ferimentos abertos, alimentos e homens tombados.

Mas agora — um sinal, um sinal certo, gritaram alguns, agora que a grande batalha terminara e um novo rei havia tomado o lugar do antigo, agora que o Exército Rebelde marchava pelas largas alamedas da Cidade, agora que as pessoas estavam voltando às suas casas, hesitantemente,

mas ainda assim, voltando, agora começara a chover.

Um sinal seguro clamavam alguns — de felicidade duradoura, de prosperidade por acontecer, de paz e bem-estar sob o novo governante. É certo que as pilhagens ainda estavam em curso aqui e ali e as casas — tão bonitas e imponentes — ainda queimavam. E que nos arrebaldes da cidade, os rebeldes e alguns membros desgarrados do Exército Legalista ainda se engalfinhavam em esporádicas escaramuças. Mas o pior havia passado e acabado. E começara a chover.

Era muito óbvio para todos que por um longo tempo ainda não se poderia contar mais com autoridades. Os que estavam no poder, ontem, haviam fugido, e quem podia ter certeza sobre o futuro? Era melhor aquietar-se por algum tempo e observar as coisas. Apenas o camponês, vendo as gotas claras e limpas encharcarem sua terra quente, sentindo o vento úmido chicoteando seu rosto e olhando nos longos e faiscantes olhos do trovão, apenas o camponês podia estar certo, certo do despertar da semente para o abraço úmido da terra escura, certo do crescimento dos brotos verdes e novos nos dias por vir.

O novo governante? O que se sabia dele? Os rumores eram inúmeros e contraditórios como sempre — e, no fim, ficava-se tão cansado de rumores... Um grande estadista, general brilhante e devotadíssimo sumo sacerdote, premiando generosamente os fiéis e obedientes admiravam alguns. Homem cruel, pessoa intolerante,

perversa e desumana, perseguidor incansável de seus adversários, suspiravam outros.

Já o velho rei Rahazz, o antigo soberano..., mas era inútil recordar o que havia passado, o que havia ou não havia sido o homem que naquele exato momento estava fugindo para salvar a vida, se já não estivesse morto. Havia perdido a batalha e ponto final. A vida continuava, era preciso comer e trabalhar. Melhor olhar em direção ao futuro, seguir seu próprio arbítrio e ajustar-se. Ajustar-se, adaptar-se e assim sobreviver.

Quando os soldados vinham saquear a casa do camponês ele nem sequer se dava o trabalho de contar quantas vezes isso havia acontecido antes, este sempre se escondia. É claro que não eram todos maus, alguns até eram decentes, em especial os camponeses ou filhos de camponeses. Estes costumavam tentar — sempre — evitar o solo recém-arado e em geral envergonhavam-se quando os outros vasculhavam sua casa à procura de bens e alimentos.

O camponês via tudo aquilo de onde se escondia, sem desperdiçar energia para enfurecer-se, não desejando de modo algum fazer uma exibição de valentia e indignação de si mesmo. Mesmo aqueles portadores de violência e destruição tinham de deixá-lo em paz no final. Tinham de fazê-lo se queriam continuar comendo. E mais tarde, inspecionando a casa quase vazia, sempre ficava contente ao descobrir que não haviam — nenhum deles até agora — descoberto as preciosas sementes e as gordas batatas

castanho-avermelhadas prontas para o plantio. Enquanto o rico grão estava ali e sua terra continuava sendo sua terra, nada mais importava. A semente era a renovação, a vida eterna, a terra era vida e permanência — tudo o mais passaria por fim.

Quando soube que a guerra havia terminado, sido travada a última batalha — coisa que sentiu muito antes de ser informado a respeito —, nem sequer continuou prestando atenção aos grupos de soldados cansados que passavam. Ao menos não enquanto os via cambaleando em direção à capital... e a maior parte se dirigia para lá. Havia chovido e a terra estava esperando. Isto era mais urgente que a guerra.

Assim, quando um grupo de derrotados, numa retirada rápida e silenciosa em direção às montanhas do norte, surgiu de repente ao crepúsculo, não encontrou tempo para se esconder. Ficou parado com ar miserável enquanto se aproximavam, dizendo-lhes:

— É inútil, senhores, muitos outros já estiveram aqui antes de vocês.

Sem responder, o comandante deu a seus homens ordens de vasculharem a casa e fez sinal ao camponês para que o seguisse. Dentro, quando as lâmpadas foram acesas, a claridade revelou com nitidez o ar faminto dos rostos magros, o duro cansaço em olhos irritados. O comandante estava seriamente ferido, um horrível corte desde o pulso ao longo de todo o antebraço, coberto apenas em parte por uma bandagem ensangüentada.

Um cavalheiro idoso em roupas civis, de maneiras suaves e a quem demonstravam muito respeito, estava com eles, notou o camponês, enquanto a outra metade de sua mente mantinha-se acompanhando ansiosa os soldados que revistavam a casa. E desta vez encontravam seus grãos e suas lindas batatas. Com alegria chamaram o oficial para que viesse ver o feliz achado.

Quando o homem voltou, as mãos cheias do rico milho amarelo, para mostrar ao homem quieto, o camponês perdeu o controle.

— Não, senhor, não o milho... não as batatas — gritou, precipitando-se para o homem. — Como posso plantar sem elas?

O comandante ferido agarrou sua garganta com a mão sã e rugiu:

— Não ouse! Fique satisfeito por não o matarmos por esconder o alimento de nós. Homem, não comemos há três dias!

Então, aí estava, pensou o camponês. Haviam chegado mesmo a isso. Mesmo o grão lhe seria tirado agora. Aquilo e suas maravilhosas batatas. E, sim, talvez até sua vida.

— Deixe-o, Zenhar — disse o velho atrás dele, numa voz cansada. — E não toque nas sementes. Isso, ao menos, deve-se deixar para ele.

O camponês achou que nunca mais veria o desespero e a fome crua e selvagem que viu então nos olhos azuis que fixavam o mais velho. E, no entanto, sem dizer nada, o comandante soltou-o e abriu as mãos, deixando o milho escorrer para o chão.

— "Ele tem muita autoridade", pensou o camponês, imaginando se aquela autoridade seria suficiente para dominar a fome daqueles homens violentos.

— Perdemos a guerra, meu rapaz. E preciso perder também a honra?

Ríspida e rápida veio a resposta:

— Já não perdemos muito dela, do modo como invadimos esta casa?

— Até hoje sempre pagamos pelo que tomamos. Mas essas sementes não podem ser pagas com ouro.

Curioso, esquecido do medo, o camponês perguntou:

— E fazendeiro também, senhor?

— Isso fui... até bem pouco tempo atrás — o sorriso não mostrava amargura ou frustração. — Todo o Aztlan foi meu para lavar, até há bem pouco tempo.

Depois que partiram, o camponês ergueu-se muito devagar do local onde se deixara cair de joelhos sobre o milho duro espalhado. Embora fosse para com sua terra a única lealdade que conhecia, a grandeza humana merecia uma reverência, mesmo num soberano derrotado.

Personagens

Aztlan	O mesmo que Atlântida.
Rahazz -	Ex-rei de Aztlan, iniciado nas ciências ocultas.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

